

A CHAVE FISIOLÓGICA E ANTROPOLÓGICA PARA O SÍMBOLO DA LUA

Trecho 1

Boa noite a todos. Buscamos uma posição confortável, mantendo a coluna ereta. Focamos a atenção no sacrário de nossos corações, unindo corpo, mente e coração. Elevamos nossa consciência ao nosso eu superior, à nossa mônada imortal que vive no eterno presente, no espaço-tempo infinito, unidade cósmica. E fazemos um minuto de silêncio nessa união em pensamento com a luz do Logos. Mantendo esse estado de harmonia interior, trazemos de volta a nossa atenção, plena consciência corporal, observamos a respiração e vamos dar continuidade.

A CHAVE FISIOLÓGICA E ANTROPOLÓGICA PARA O SÍMBOLO DA LUA

Na primeira parte vimos a rainha e o rei da noite, a importância da lua sobre diferentes aspectos explorados por Blavatsky. Hoje, nessa segunda parte, vamos ver a chave fisiológica e antropológica para o símbolo da lua. Lembrando que já foi estudado o simbolismo universal do Logos, o véu da divindade, caos, cosmos, a tríplice unidade, os dias e as noites de Brahmā, o ovo do mundo, simbolismo e ideografia sobre Quanchaim e Quanim, a divindade desconhecida, e a Lua, Deus, Lunus, Febe, primeira parte. Agora a segunda parte.

Helena Petrovna Blavatsky, HPB, refere um manuscrito inédito sobre a arte da fala, no qual o autor indica uma chave da formação da linguagem simbólica antiga que apresenta uma razão de ser lógica para a dupla adoção dos cultos solares e lunares por hindus e cristãos. Uma chave da linguagem simbólica. Diz Blavatsky que o erudito místico,

maravilhosamente lúcido e bem formado, escritor propõe uma chave da formação da linguagem simbólica antiga na forma abrangente de uma hipótese. No entanto, a hipótese se torna necessariamente um fato comprovado na história da evolução religiosa do pensamento humano, para qualquer um que já tenha tido um vislumbre do segredo da simbologia antiga, percepção dos períodos de tempo.

O referido autor afirma que uma das primeiras ocupações dos seres humanos, ligada às ocupações que giram em torno das necessidades práticas, seria a percepção dos períodos de tempo marcados no arco da abóbada celeste acima do nível do horizonte ou acima do plano das águas calmas. Sobre percepções dos períodos de tempo, HPB destaca que a mitologia antiga inclui a astronomia antiga, assim como a astrologia. Então, mitologia, astronomia e astrologia são tratadas em conjunto. Os planetas eram os ponteiros que indicavam no mostrador do nosso sistema solar as horas de certos acontecimentos periódicos. Assim, Mercúrio era o mensageiro, cuja tarefa consistia em manter o tempo durante os fenômenos diários solares e lunares, e, por outro lado, estava ligado ao deus e à deusa da luz.

Seguindo com a afirmação do autor, estes períodos viriam a ser identificados como dia e noite, como fases da lua, como revoluções estelares ou sinódicas, ou seja, movimentos aparentes dos astros vistos a partir da Terra, como o período do ano solar, levando em conta a recorrência das estações. E com a aplicação de tais períodos, segundo a medida natural do dia e da noite, ou do dia dividido entre luz e escuridão, teria descoberto também que havia um dia solar mais longo e mais curto e que havia dois dias solares com dias e noites iguais dentro do período do ano solar. E os pontos em que eles ocorrem no ano

seriam marcados com grande precisão nos grupos estelares ou constelações, que estão sujeitos a movimentos retrógrados que ao longo do tempo requeririam correção por intercalação. Isso se fez necessário no caso da descrição do dilúvio, em relação ao qual foi feita uma correção por intercalação de 150 dias para um período de 600 anos, durante o qual a confusão de marcos de referência havia aumentado, e isso iria naturalmente acontecer com todas as raças em todos os tempos. E este conhecimento deve ser considerado como inerente à raça humana antes do que nós chamamos de período histórico.

FUNÇÃO FÍSICA DA HUMANIDADE CONECTADA AOS PERÍODOS DE TEMPO

Sobre esta base, o autor busca por alguma função física natural, possuída em comum por toda a raça humana e ligada às manifestações periódicas, de modo que a conexão entre os dois tipos de fenômenos tornou-se fixa no uso popular. E o autor identifica, encontra esta função nos seguintes fatos: A) nos fenômenos fisiológicos femininos, a cada mês lunar de 28 dias ou quatro semanas de 7 dias cada, de modo que 13 ocorrências no período devem ocorrer a cada 364 dias, o que constitui o ano solar de 52 semanas com 7 dias cada. Fato B: a aceleração do feto é marcada por um período de 126 dias ou 18 semanas de 7 dias cada. Fato C: aquele período que é chamado período de viabilidade tem 210 dias ou 30 semanas de 7 dias.

Trecho 2

Cada fato: o período do parto é alcançado em 280 dias, ou um período de 40 semanas de 7 dias cada, ou 10 meses lunares de 28 dias cada, ou 9 meses do calendário de 31

dias cada, contando no arco real do céu para encontrar a medida do período de transição desde a escuridão do útero até a luz e a glória da existência consciente, aquele contínuo mistério e milagre inescrutável. Assim, os períodos de tempo observados, marcando os trabalhos da função do nascimento, naturalmente se tornariam uma base para cálculos astronômicos. Podemos quase afirmar que este era o modo de calcular em todas as nações, seja independentemente, seja de modo intermediado ou indiretamente através de ensino. Este era o modo de cálculo entre os hebreus, porque mesmo hoje eles calculam o calendário por meio dos 354 ou 355 dias do ano lunar. E nós possuímos uma evidência especial de que este era o modo de calcular entre os egípcios antigos, sendo que a prova é a seguinte.

Então ele identificou esses fatos e agora a chave fisiológica e antropológica para o símbolo da lua. As provas para os fatos apontados. A ideia básica que está na origem da filosofia religiosa dos hebreus é a de que Deus contém todas as coisas em si mesmo e de que o homem é a sua imagem, com a noção de homem incluindo a mulher. Sobre Deus, que contém todas as coisas em si mesmo, Blavatsky destaca que é uma caricatura e uma versão miniaturizada da ideia vedantina de Parabrahman, que contém dentro de si mesmo o universo inteiro e que é ele mesmo aquele universo ilimitado, não existindo nada fora de si.

Mesmo seguindo com as provas, o lugar do homem e da mulher entre os hebreus era ocupado entre os egípcios pelo touro e pela vaca, sagrados para Osíris e Ísis, que eram representados, respectivamente, por um homem com uma cabeça de touro e uma mulher com uma cabeça de vaca, símbolos que eram objeto de culto. Sobre o touro e a vaca, Blavatsky destaca assim como são sagrados até hoje na Índia o touro de Shiva e a vaca, representando várias deusas.

Seguindo com as provas para os fatos, é notável o fato de que Osíris simbolizava o Sol e o rio Nilo e o ano tropical de 365 dias, número que é o valor da palavra Neilos, e o touro. E era também o princípio do fogo e da força vital. Enquanto Ísis era a lua, o leite do rio Nilo ou a mãe terra, para cujas energias parturientes era necessária a água. O ano lunar de 354 a 364 dias, o marcador do tempo dos períodos de gestação. E a vaca era assinalada com a lua crescente. Mas o uso da vaca pelos egípcios em lugar da mulher usada pelos hebreus não significava nenhuma diferença radical do significado, e sim uma confluência dos ensinamentos. E era apenas a colocação de um símbolo de valor comum, ou seja, o período de gravidez da vaca e da mulher era considerado igual, com 280 dias ou 10 meses lunares de 4 semanas cada. E neste período estava o valor essencial deste animal como símbolo, cuja imagem era a lua nova crescente e daí a adoração da lua pelos hebreus.

Estes períodos naturais de gestação são objeto de uso simbólico em todo o mundo. Eram empregados como símbolos pelos hindus e são usados de modo extremamente claro pelos antigos americanos e nas tábuas de Richardson e Guest na cruz de Palenque, e estão claramente na base da formação das formas do calendário dos maias de Yucatã, dos hindus, dos assírios e dos antigos babilônios, assim como dos egípcios e dos antigos hebreus. Os símbolos naturais seriam o falo, ou o falo e ion, ou macho e fêmea. Na realidade, as palavras traduzidas pelos termos gerais macho e fêmea no verso 27 do primeiro capítulo do Gênesis são sacre e ne cabrá, ou literalmente falo e ion. E a Blavatsky destaca que no primeiro capítulo do Gênesis, versículo 27, macho e fêmea, ele os criou. Essa representação dos emblemas fálicos indicaria de modo muito precário os membros genitais do corpo humano. Mas

quando são consideradas as suas funções e o desenvolvimento das vesículas de sementes, as vesículas seminais que emanam deles, seria indicado então o modo de medir o tempo lunar e através do tempo lunar medir o tempo solar. Esta é a chave fisiológica e antropológica para o símbolo da lua.

A chave que abre o mistério da teogonia, ou a evolução dos deuses manvantáricos, é mais complicada e nada tem de fálico em si. Tudo nela é místico e divino. Então, ela trata desses dois aspectos, da função fisiológica, antropológica e da função teogônica. Na função fisiológica, antropológica, envolve os símbolos fálicos, mas na teogonia ela diz que é mais complicada e nada tem de fálico em si. Então, separar essas duas instâncias é importante para nós, porque alguns autores misturam as duas esferas de interpretação simbólica. Tudo nela é místico e divino.

Então, sobre a hierarquia de deuses, os judeus, entretanto, além de conectarem Jeová diretamente com a lua como um deus generativo, preferiram ignorar as hierarquias mais elevadas e transformaram algumas delas, constelações zodiacais e deuses planetários, em seus patriarcas, ou seja, antropomorfizaram-nos, antropomorfizaram as constelações zodiacais e esses deuses planetários, esses espíritos planetários, evemerizando assim a ideia puramente teosófica e arrastando-a para baixo até o nível da humanidade pecadora. Então é esse antropomorfizar que é o equívoco na interpretação da hierarquia.

O manuscrito do qual o trecho acima é reproduzido explica muito claramente a que hierarquia de deuses Jeová pertencia e quem era este Deus judeu, porque mostra em linguagem direta aquilo em que a autora HPB tem insistido sempre. Isto é, que o Deus que os cristãos atribuíram a si mesmos não era melhor que o símbolo lunar da função reprodutiva

ou generativa da natureza. Eles sempre ignoraram até mesmo o deus secreto hebraico dos cabalistas, Ain Soph, tão grandioso como o Brahman nas concepções místicas e cabalísticas primitivas, mas não é a Cabalá de Rosenroth que poderá jamais transmitir os verdadeiros ensinamentos originais de Simeon Ben Yohai, supremamente metafísicos e filosóficos. Então fala assim, cabala em cabala, mas cabala de quem? E aquela ponta de Rosenroth e de Simeon Ben Yohai. Então as duas têm alcances bem distintos. O Christian von Rosenroth foi um cabalista cristão do século XVII alemão. Como destaca o tradutor, adoção de um substituto do eterno incognoscível. Então, como eles não reconheceram o eterno incognoscível, eles adotaram um substituto. Olha que incrível. E quantos são entre os estudantes de Cabalá, aqueles que sabem alguma coisa do assunto, exceto através das suas distorcidas traduções latinas? Pergunta Blavatsky. E ela disse: "Examinemos a ideia que levou os judeus antigos a adotar um substituto para o eterno incognoscível e que desorientou os cristãos, levando-os a confundir o substituto com a realidade." Então, nessa continuidade da doutrina judaica, os cristãos também esqueceram o incognoscível e partiram toda a sua hierarquia divina a partir de um substituto desse incognoscível.

Trecho 3

os órgãos de agências cósmicas criativas, foi acrescentada a ideia de períodos de tempo. Então, realmente, na construção de templos como moradas da divindade ou de Jeová, aquele posto, aquele local designado como Santo dos Santos ou como local mais elevado, deveria tomar o seu nome do caráter reconhecidamente sagrado dos órgãos generativos, considerados como símbolos das medidas, assim como da causa divina. Entre os sábios antigos não havia

qualquer nome, nem ideia, nem símbolo para a causa primeira. E aqui se explica por que a causa primeira era demasiado sagrada para eles. Por isso é mencionada nos Vedas como "Aquilo". É a causa eterna e, portanto, não pode ser vista como uma causa primeira, que é uma expressão que implica que em algum momento não existia causa alguma. Entre os hebreus, a concepção indireta da causa eterna era expressada cuidadosamente por um termo de negação da compreensão, isto é, o Ain Sof, ou "sem limites". Mas o símbolo da sua primeira manifestação compreensível era a concepção de um círculo com a linha de seu diâmetro, transmitindo uma ideia ao mesmo tempo geométrica, fálica e astronômica. Porque o um nasce do zero, ou o círculo, sem o qual não poderia existir. E do um, ou do primitivo um, surgem os nove algarismos e, geometricamente, todas as formas planas. Na Cabalá, este círculo com a linha do seu diâmetro é a imagem dos 10 sefirot ou emanções que compõem o Adão Kadmon, que é o homem arquetípico, a origem criativa de todas as coisas. Então, esse homem arquetípico não é uma pessoa, mas é o arquétipo do próprio universo, do qual o homem é o microcosmo. Essa ideia de conectar o círculo e a linha do diâmetro, isto é, o número 10, com o significado dos órgãos reprodutores e com o lugar mais sagrado, foi empregada na construção da Câmara do Rei ou Santo dos Santos da Grande Pirâmide, no Tabernáculo de Moisés e no Santo dos Santos do Templo de Salomão. É a imagem de um duplo útero. Porque em hebraico a letra H é ao mesmo tempo o número 5 e o símbolo do útero. E 2×5 é 10, o número fálico. Este duplo útero também mostra a dualidade da ideia transmitida desde o plano mais alto e mais espiritual para o plano mais baixo ou terrestre, e que é limitada pelos judeus a este último. Entre os judeus, portanto, o número sete adquiriu o lugar mais proeminente na sua religião exotérica, ou seja, um culto de formas externas e rituais vazios, como o sabá deles, por exemplo, o sétimo dia dedicado à sua divindade, à lua, símbolo do Jeová

generativo. Contudo, em outras nações, o número sete era típico da evolução teogônica, dos ciclos, dos planos cósmicos e das sete forças e dos sete poderes ocultos no cosmos como um todo ilimitado, cujo primeiro triângulo superior era inalcançável pelo intelecto finito do ser humano. Portanto, enquanto outras nações se ocupavam, devido à sua forçosa limitação do cosmos no espaço e no tempo, apenas com o seu plano centenário manifestado, os judeus concentraram este número sete somente na lua e basearam nela todos os seus cálculos sagrados. Assim vemos o cuidadoso autor do manuscrito Ralston Skinner, citado acima, destacar, em relação à metrologia dos judeus, que se 20,612 for multiplicado por $\frac{4}{3}$, o produto dará uma base para determinar a revolução média da Lua. E se este produto for novamente multiplicado por $\frac{4}{3}$, este produto continuado dará uma base para descobrir o período exato do ano solar médio. Esta fórmula se torna algo de grande utilidade para a descoberta dos períodos astronômicos de tempo. Este número duplo, macho e fêmea, é simbolizado também em alguns ídolos bem conhecidos, por exemplo, Ardhanarishvara, o ídolo dos hindus, ou o Jordão hebreu, ou a fonte da descida. Ela está pousada sobre uma folha de lótus que flui sobre as águas. Assim, o significado é que ela é andrógina ou hermafrodita, que é falo e yoni combinados, o número 10, a letra hebraica e a contenção de Jeová. Ele dá os minutos do mesmo ciclo de 360° . Então aqui é a forma que o artista encontrou de simbolizar o hermafrodita macho-fêmea. Jeová, no seu melhor aspecto, é Biná, a mãe mediadora mais elevada. O grande mar ou o Espírito Santo, portanto, pode ser melhor encarado como um sinônimo de Maria, mãe de Jesus, do que como sinônimo do pai dele. Esta mãe, sendo mare em latim, o mar está aqui também. Vênus, a estrela dele, estrela do mar. Os ancestrais dos misteriosos acadianos, os Chandravanshas ou Induvanshas, os reis lunares, que a tradição descreve como reinado de Prayag, Alarbad, eras antes da era atual, haviam vindo da Índia e trazido com eles o culto dos seus

ancestrais, o culto de Soma e de seu filho Buda, que depois se transformou no culto dos caldeus. No entanto, este culto, a parte da astrologia da heliolatria, não era em sentido algum idolatria. Pelo menos não era mais idolatria do que o simbolismo católico romano que liga a Virgem Maria, a Magna Mater dos sírios e dos gregos, com a lua. Os católicos romanos mais piedosos têm profundo orgulho deste culto e dizem isso em voz alta.

CÓPIAS E ORIGINAIS

Em uma memória para a Academia Francesa, o marquês de Mirville diz: "Bastante natural que, como uma profecia inconsciente, a Monrá fosse o marido da sua mãe, já que a Magna Mater dos cristãos é precisamente a esposa do filho que ela concebe." Nós cristãos podemos entender agora por que Nate lança esplendor sobre o sol enquanto permanece sendo a lua, já que a Virgem, que é a rainha do céu, como o era Nate, veste-se com o esplendor da lua e veste, por sua vez, o Cristo sol. Tu vestes solen et sol vestit. E o marquês de Mirville acrescenta: "E nós cristãos entendemos também por que é que a famosa inscrição em Saís afirmava que ninguém jamais ergueu o meu peplum, o meu véu." Considerando que esta frase traduzida literalmente constitui o resumo do que é cantado na igreja no dia da Imaculada Conceição. Aqui a fonte é a "Arqueologia da Palavra Mãe". Seguramente nada poderia ser mais sincero do que isso, exclama Blavatsky. Estas palavras justificam inteiramente o que o Sr. Gerald Massey disse em sua palestra "Lunolatria Antiga e Moderna". Aqui uma nota do tradutor: Dia da Imaculada Conceição. Os católicos celebram a Conceição Imaculada de Maria em 8 de dezembro. Em 8 de setembro, 9 meses depois, se comemora o nascimento de Maria. Aqui a palestra de Gerald Massey, "Lunolatria Antiga e Moderna", que Blavatsky cita. "O homem na lua,

Jeová, Satã, Cristo, Judas e outros gêmeos lunares", é com frequência acusado de má conduta. Nos fenômenos lunares, a lua era, como a lua, que era dupla em sexo e tríplice em caráter, como mãe, como filha e como macho adulto. Assim, o filho da lua se tornou o cônjuge da sua própria mãe. Isso não poderia ter sido evitado se era necessário ter alguma reprodução. Ele foi compelido a ser o seu próprio pai. Estas relações foram repudiadas pela sociologia posterior e o homem primitivo da lua tornou-se um tabu. No entanto, na sua fase mais posterior e mais inexplicável, isto se transformou na doutrina ce...

Trecho 4

central da mais grosseira superstição que o mundo já viu. Isso porque estes fenômenos lunares e as suas relações apresentadas de maneira humanizada, inclusive as incestuosas, são o próprio alicerce da trindade na unidade do cristianismo. Através da falta de conhecimento do simbolismo, a representação simples do tempo antigo tornou-se o mistério religioso mais profundo da moderna luniolatria, que é o culto lunar. A Igreja romana, sem ter em momento algum vergonha da situação, apresenta a Virgem Maria como vestida com o sol, tendo a seus pés a lua com guampas, que é a lua crescente, segurando o filho lunar nos seus braços como criança e cônjuge da mãe Lua. A mãe, a criança e o macho adulto são fundamentais. Desta forma, pode ser comprovado que a nossa cristologia é mitologia mumificada e sabedoria das lendas que nos foram impostas através do Velho Testamento e do Novo Testamento como revelação divina transmitida pela voz de Deus.

Há uma alegoria encantadora que revela melhor que qualquer outra o verdadeiro caráter de Jeová. Na concepção primitiva dos cabalistas hebreus, está agora incluída na filosofia da Cabalá de Ibn Gebirol, traduzida por Isaac Myer na obra Cabalá. Na introdução escrita por

Reis, que é muito antiga, diz o autor, e forma parte da nossa edição Brod Zorá, está um relato de uma viagem feita por R. Elazar, filho de R. Shimon B. Yohai, e Rabino Abá. Eles encontraram um homem com o fardo pesado e perguntaram seu nome, mas ele recusou-se a dizer seu nome e passou a explicar a eles a Torá, que é a lei. Eles perguntaram: "Quem fez com que tu caminasses assim e carregasse um fardo tão pesado?" Ele respondeu: a letra iod, que é igual a 10, e é a letra simbólica de Kether, assim como é a essência e o germe do santo nome. Eles disseram ao homem: "Se tu nos dissesse o nome do teu pai, nós beijaríamos o pé dos teus pés." E ele respondeu: "Quanto a meu pai, ele tinha sua moradia no grande mar e ele era um peixe lá." E aí a correlação com Vishnu e Dagon ou Oannes. Ele era um peixe lá que primeiro destruiu o grande mar e ele era grande, poderoso e ancião dos dias, até que ele engoliu todos os outros peixes no grande mar. Elazar escutou e disse ao homem: "Tu és o filho da grande chama sagrada. Tu és o filho de Rabban no sabá, que significa o velho, o peixe em aramaico ou o caldeu e no meio-dia. Tu és o filho da luz da Torá."

Então o autor explica que o sefirot feminino Biná é chamado pelos cabalistas de grande mar. Portanto, Biná, cujos nomes divinos são Jeová, Adad e Elohim, é simplesmente a Tiamat dos caldeus, o poder feminino, o Tehom, o abismo, que governa acima do caos e foi transformado, mais tarde pela teologia cristã, de modo a ser a serpente e o demônio. O tradutor destaca que Tiamat era a deusa primordial do mar na antiga Babilônia. Tiamat era o oceano entre os caldeus, o grande princípio generativo do espaço profundo. Aqui uma nota de pesquisa sobre Beroso, que foi um sacerdote caldeu da Babilônia, viveu no século antes de Cristo e escreveu em língua grega a história da Babilônia, composta por três livros, cujo texto completo está agora

perdido na antiguidade. E o que ainda resta vem de fontes secundárias de escritores clássicos como Flávio Josefo e Jorge Sincelo.

Continuando: ele, ela e a Rová. É o divino ré eva. Este Yahová, então ou Jeová, é idêntico com o nosso caos, pai, mãe, filho, no plano material e no mundo puramente físico, demônio e Deus ao mesmo tempo. O sol e a lua, o bem e o mal, Deus e o diabo. Aqui uma nota do tradutor que eu achei interessante. A teosofia ensina que não há maldade no universo e remete à carta 88. A existência cíclica da destruição faz parte da lei natural e da lei da evolução. Cabe lembrar, por exemplo, que no início do livro de Jó, Deus e o demônio dialogam sobre Jó, que o diabo acusa de ser injustamente protegido por Deus. Deus então autoriza o demônio a perseguir livremente Jó. Ou seja, Deus e o diabo são dois aspectos, o construtivo e o destrutivo da lei. E cada discípulo necessita provar, assim como Jó, que não é derrotado pelas forças negativas da natureza e que pode avançar por mérito próprio no seu aprendizado.

Seguindo, o magnetismo lunar gera a vida, a preserva e a destrói tanto psíquica como fisicamente. E se astronomicamente a Lua é um dos sete planetas do mundo antigo, em teogonia, ela é um dos regentes do mundo. E é assim agora entre os cristãos, tanto como entre os pagãos. Os cristãos se referem a ela como um dos seus arcanjos e os pagãos como um dos seus deuses. Portanto, pode ser facilmente compreendido o significado do conto de fadas traduzido por Chwolson a partir de um velho manuscrito caldeu transposto para o árabe sobre Cutame ter sido instruído pelo ídolo da lua. Seudenos nos conta o segredo, assim como Maimônides.

Os adoradores dos terafim, os oráculos judaicos, esculpiam imagens e afirmavam que a luz das principais estrelas, planetas, as permeava

completamente, de modo que as virtudes angélicas ou os regentes das estrelas e dos planetas conversavam com eles, ensinando-lhes muitas coisas e artes extremamente úteis. E explica que os terafim eram construídos e compostos conforme a posição de certos planetas, aqueles que os gregos chamavam de estria, e de acordo com números que estavam situados no céu e que eram chamados de Alex, ale Alexiri, os deuses tutelares. Os que localizavam os estriria eram chamados de estriatirri ou adivinhos pelos estria.

Foram estas frases, no entanto, da Nabatian Agriculture, que assustaram os cientistas e fizeram com que eles definissem a obra como ou um texto apócrifo ou um conto de fadas indigno da atenção de um membro da academia. Ao mesmo tempo, tal como foi mostrado, fervorosos católicos e protestantes despedaçaram a obra metaforicamente. Os católicos, porque ela descreve a adoração de demônios, e os protestantes porque é ímpia. Estão todos errados mais uma vez, afirma Blavatsky.

Adoração solar e lunar na igreja. O culto do sol e da lua, assim como o culto das estrelas e o culto dos elementos, estão presentes e figuram na teologia cristã. São defendidos pelos papistas e são fortemente negados pelos protestantes por sua própria conta e risco. Dois exemplos disso podem ser dados. A obra não é um conto de fadas, a Nabatian Agriculture. E em relação a devotos piedosos da igreja, a mesma adoração pode ser mostrada nas escrituras, por mais que estejam distorcidas pela tradução. Amiano Marcelino ensina que as adivinhações antigas eram sempre realizadas com a ajuda dos espíritos dos elementos, espíritos elementais. Quem foi Amiano Marcelino? Viveu na Antioquia, atual Antáquia. Antioquia.

Trecho 5

em Áquia, Turquia, entre 325 e 330 até cerca de 391. Foi um historiador que escreveu durante o fim do Império Romano. Amiano foi militar de alta patente, tendo servido no exército do imperador romano Juliano. No mundo onde a religião cristã tinha uma crescente influência e tornou-se, em 380, com o édito de Tessalônica, a religião oficial do Império Romano, permaneceu pagão, o que se reflete em seu texto na ênfase que dá à religião romana tradicional, no suporte à reforma religiosa pagã de Juliano e na pouca quantidade de citações sobre os cristãos da sua época.

E Blavatsky diz: "Mas agora se você vê que os planetas, os elementos e o zodíaco eram simbolizados não só em Heliópolis pelas 12 pedras chamadas de mistérios dos elementos, elementa arcana, mas também no templo de Salomão, e como foi destacado por vários autores em diversas antigas igrejas italianas e mesmo na Notre-Dame de Paris, onde podem ser vistos até hoje. Nenhum símbolo, nem mesmo o sol, foi mais complexo em seus múltiplos significados do que o símbolo lunar. O seu sexo era naturalmente dual. Para alguns a lua era macho, por exemplo, o hindu rei Soma e o caldeu. Em outras nações, o símbolo lunar era feminino. As belas deusas Diana, Luna, Ilítia, Lucina. Em Tauris, vítimas humanas eram sacrificadas para Ártemis, uma variante da deusa lunar. Os habitantes de Creta chamavam-na de Dictina e os medos e persas de Anaía, como se vê em uma inscrição de Coloe. Estamos agora nos referindo principalmente à mais casta e pura das deusas virgens, Luna Ártemis, a quem em Panfos, poeta da Grécia antiga, foi o primeiro a dar o nome, e sobre quem Hipólito escreveu. Ártemis Lóque, a deusa que orientava a concepção e o nascimento, Ilíada Pausães, etc., é em suas funções como a tríplice e a divindade

órfica predecessora do deus dos rabinos e dos cabalistas pré-cristãos e o seu símbolo lunar. A deusa trimorfos era o símbolo personificado dos vários e sucessivos aspectos representados pela Lua em cada uma das três fases dela. E esta interpretação já era a interpretação dos históricos. Aqui a referência Cornutos de Natura Deodoro, 341. Enquanto os órficos explicavam o epíteto trimorfos pelos três reinos da natureza sobre os quais ela reinava, ciumenta, sedenta de sangue, vingativa e exigente, Hécate-Luna é uma contraparte digna do deus ciumento dos profetas hebraicos. Todo o enigma do culto lunar, solar e lunar, tal como é agora encontrado nas igrejas, depende, na realidade, deste mistério dos fenômenos lunares tão velho quanto o mundo. As forças correlativas na rainha da noite, que continuam latentes para a ciência moderna, mas estão completamente ativas para o conhecimento dos adeptos orientais, explicam bem as 100 imagens com as quais a lua era representada pelos antigos. Também mostram que os antigos tinham conhecimentos muito mais profundos dos mistérios selênicos do que os astrônomos modernos. Todo o panteão dos deuses e deusas lunares, Neftes ou Nate, Prépérpina, e Mélita, Sibeli, Isis, Ártemis, Vênus e Éati de um lado, e Apolo, Dionísio, Adônis, Baco, Osíris, Ates, Tamus, etc., de outro lado, todos com seus nomes e títulos, sendo filhos e maridos das suas mães, mostram a sua identidade com a trindade cristã. E todos os sistemas religiosos, os deuses foram levados a fundir as suas funções de pai, filho e marido em uma só. E as deusas eram identificadas como esposa, mãe e irmã do deus macho, sendo que o masculino sintetiza os atributos humanos na condição de sol, a fonte de vida, e o feminino unifica todas as outras funções, na grande síntese conhecida como Maia, Maria, etc., que é um nome genérico. Maia, por uma derivação forçada, passou a significar mãe entre os gregos, a partir

da raiz má, nutrir, cuidar, e até mesmo deu o seu nome ao mês de maio, que era sagrado para todas aquelas deusas antes de ser consagrado a Maria. O seu nome primitivo, no entanto, era Maia Durga, termo traduzido pelos orientalistas como inacessível, mas significando, na verdade, inalcançável, no sentido de ilusão e irreabilidade, como sendo fonte e causa de feitiços e personificação, personificando ilusão. Blavatsky destaca que os católicos romanos devem agradecer pela ideia de consagrar o mês de maio à Virgem ao pensador pagão Plutarco, que mostra que o mês de maio é sagrado para Maia. Maia ou Vesta, nossa mãe terra, nossa protetora e alimentadora personificada.

A lua bissexual. Nos ritos religiosos, a Lua cumpria um papel duplo, personificado como uma deusa mulher para efeitos exotéricos ou como Deus masculino no plano da alegoria e do símbolo. Na filosofia oculta, o nosso satélite era visto como uma potência assexuada que devia ser bem estudada, pois cabia ter diante dela um sentimento de temor. Entre os iniciados arianos, os caldeus, gregos e romanos, Soma, Ártemis Soteira, o Apolo hermafrodita, cujo atributo é a lira, e Diana, com barba e com arco e flecha, Deus Lunus e especialmente Osíris Lunus e Totunos eram as potências ocultas da lua. Blavatsky destaca que Tot Lunus é o Buda Soma da Índia ou Mercúrio e a Lua. Mas seja macho ou fêmea, seja Tot ou Minerva, Soma ou Astorete-Astarte, a lua é o mistério dos mistérios no plano oculto e é mais um símbolo do mal do que do bem. As suas sete fases, na divisão original esotérica, são divididas em três fenômenos astronômicos e quatro fases puramente psíquicas. O fato de que a lua não foi sempre reverenciada é mostrado nos mistérios nos quais a morte do deus lua, as três fases do seu gradual minguar e a sua desapareção final é simbolizada pela circunstância de a lua representar o gênio do mal que triunfa

transitoriamente sobre a luz e sobre o Deus doador de vida, o sol. E os antigos hierofantes da magia necessitavam toda a sua habilidade, todo o seu conhecimento para transformar esta vitória da Lua em uma derrota. O mais antigo de todos os cultos é o da terceira raça da nossa ronda, os hermafroditas, para os quais a lua macho tornou-se sagrada quando, depois da chamada queda, os sexos se haviam separado. Deus Lunus então tornou-se um andrógono macho e fêmea, alternadamente, para servir fielmente para fingir feitiçaria como um poder dual da quarta raça raiz, os atlantes. Na quinta raça raiz, a nossa própria, o culto lunar-solar dividiu as nações em dois campos diferentes e antagônicos. Isto levou a acontecimentos descritos mais tarde na guerra de Mahabharata, que para os europeus é a luta que não passa de uma fábula, e para os hindus e os ocultistas é a luta histórica entre os suriavaças e os indovaças. Surgindo do aspecto dual da lua, a adoração dos princípios da fêmea e do macho, respectivamente, terminou em cultos solares e lunares diferentes. Entre as raças semíticas, o sol foi feminino durante um tempo muito longo e a lua masculina. E esta última ideia foi adotada por eles com base nas tradições atlântidas. A lua era chamada de o senhor do sol, Belchem, antes do culto de Chemes.

Trecho 6

O desconhecimento das razões incipientes desta distinção e o desconhecimento dos princípios ocultos levaram as nações à adoração de ídolos antropomórficos. Aqui Blavatsky destaca que, durante o período de tempo que está ausente dos livros mosaicos, desde o exílio do Éden até o dilúvio alegórico, os judeus adoravam, junto com o resto dos povos semitas, o dirigente dos homens, o juiz ou o sol. Apesar de o cânone judaico e o cristianismo terem transformado o sol no Senhor Deus e no Jeová da

Bíblia, ainda assim Jeová está cheio de traços indiscretos da divindade andrógina, que era composta de Jeová, o sol, e Astorete, a lua, no seu aspecto feminino e completamente livre do elemento metafórico dado atualmente. E é Blavatsky que acrescenta: Deus é um fogo consumidor, aparece no fogo e abrangido pelo fogo. Não foi apenas em uma visão que Ezequiel 8:16 viu os judeus adorando o sol. O Baal dos israelitas, o Quemos dos moabitas e o Moloque dos amonitas era o idêntico sol Jeová. E ele ainda é o rei da hoste celestial, o sol, assim como Astorete era a rainha do céu ou a lua. O sol da justiça transformou-se só agora em uma expressão metafórica, diz Blavatsky. Mas as religiões de todos os povos antigos estavam baseadas primariamente sobre as manifestações ocultas de uma força ou princípio puramente abstrato, hoje chamado de Deus. O próprio estabelecimento de um tal culto mostra, nos seus detalhes e nos seus ritos, que os filósofos que produziram estes sistemas da natureza, subjetivos e objetivos, possuíam profundo conhecimento e estavam familiarizados com muitos fatos da natureza científica, porque, além de serem puramente ocultos, os ritos do culto lunar estavam baseados, conforme demonstrado acima, sobre um conhecimento de fisiologia — ciência para nós bastante moderna —, de psicologia, de matemática sagrada, de geometria e metrologia, em suas aplicações corretas a símbolos e números, que são apenas glifos registrando fatos naturais e científicos. Em resumo, estavam baseados sobre um conhecimento extremamente detalhado e profundo da natureza. O magnetismo lunar gera vida, preserva e destrói, soma, corporifica o tríplice poder da trimurti hindu, embora permaneça até hoje sem ser reconhecido pelo profano.

A alegoria que mostra Soma, a lua, sendo produzida pelo batimento do oceano da vida, espaço, por parte dos deuses em outro manvantara, isto é, no tempo pré-genético do nosso sistema planetário. E aquela

outra alegoria que mostra os rishis ordenhando a Terra, cujo bezerro é Soma, a lua, tem um profundo significado cosmográfico, porque não é nem a nossa terra que é ordenhada, nem a lua que nós conhecemos era o bezerro. E Blavatsky destaca, na alegoria, que a terra foge para proteger sua vida, indo à frente de Prithu, que a persegue. Ela assume a forma de uma vaca e, tremendo, aterrorizada, foge e se esconde nas regiões de Brahma. Portanto, não é a nossa terra. Além disso, em cada purana, o bezerro muda de nome. Em um purana, ele é Manu Svayambhuva; em outro, é Indra; no terceiro, é o próprio Himavat, os Himalaias, enquanto Meru é o ordenhador. Esta alegoria é mais profunda do que parece. Se os nossos sábios cientistas conhecessem tanto dos mistérios da natureza como os antigos arianos, eles seguramente nunca teriam imaginado que a lua foi projetada desde a Terra. Mais uma vez, a mais antiga das permutações em teogonia, o filho que se torna o seu próprio pai e a mãe gerada pelo filho, deve ser lembrada e levada em consideração se quisermos entender a linguagem simbólica dos antigos. De outro modo, a mitologia estará sempre perseguindo os orientalistas como uma doença que surge em determinado estágio da cultura humana.

Segundo Renouf, observa gravemente em uma palestra, os antigos ensinavam, digamos assim, a autogeração dos deuses, a essência única e divina e manifestada que gera perpetuamente uma segunda manifestada por si mesma. E este segundo ser, andrógino em sua natureza, dá à luz, de uma maneira imaculada, a tudo o que é macrocósmico e microcósmico neste universo. Isto foi mostrado no círculo e no diâmetro, no sagrado 10, poucas páginas atrás. Mas nossos orientalistas, apesar de seu grande desejo de descobrir um elemento homogêneo na natureza, não veem. Limitados em suas pesquisas por

este desconhecimento, eles, os arianistas e egiptologistas, são constantemente levados para longe da verdade em suas especulações. Assim, Düruger é incapaz de compreender, no texto que ele traduz, o significado de Amon dizer ao rei Amenófis que supostamente seria Meno: "Tu és meu filho, eu te gerei". E como Düruger encontra a mesma ideia em muitos textos e sob várias formas, este mesmo orientalista cristão é finalmente compelido a admitir que, para que esta ideia tenha entrado na mente de um hierogramatista, deve ter havido na sua religião uma doutrina mais ou menos definida, indicando como um fato possível e que poderia ocorrer uma encarnação divina imaculada sob uma forma humana. Hierogramatista é o escriba dos tempos egípcios antigos. Era o copista encarregado de transcrever textos religiosos. Era um estudioso e intérprete das escrituras antigas. E Blavatsky está correta, precisamente. Mas por que atribuir a explicação a uma profecia impossível quando todo o mistério é explicado pela ideia de que uma religião posterior copiou uma religião anterior? Esta doutrina era universal e não foi produzida pela mente de qualquer hierogramatista, porque os avatares da Índia são uma prova do contrário.

Depois disso, tendo chegado a compreender mais claramente o que eram o divino pai e o divino filho entre os egípcios, Düruger ainda não consegue explicar e perceber quais eram as funções atribuídas ao princípio feminino naquela geração primordial. Düruger não vê as funções atribuídas ao princípio feminino na deusa Neite de Saís. E aqui Blavatsky destaca a sua clara compreensão disso, é a ideia de que os egípcios profetizaram Jeová e o seu redentor encarnado, a boa serpente, etc., até identificar Tifão com o dragão maldoso do jardim do Éden. E essa é considerada uma afirmação científica séria e sóbria.

Então aqui esses comentários mostrando o quanto que os orientalistas têm dificuldade de entender todo esse conhecimento. Ela diz: "No entanto, Düruger cita a frase do comandante para Cambises ao introduzir aquele rei no templo saídico. Eu revelei a sua majestade a dignidade de Saís, que é a morada de Neite, a grande produtora, a fêmea, mãe do sol, que é o primogênito, e não é gerado, mas apenas trazido à luz. E, portanto, é o filho de uma mãe imaculada. Como é mais grandiosa, filosófica e poética, a real diferenciação, para qualquer um que seja capaz de compreendê-la e apreciá-la, feita entre a Virgem Imaculada dos antigos pagãos e a concepção papal moderna."

Trecho 7

antigos, a Mãe Natureza, sempre jovem, o antítipo dos seus protótipos Sol e Lua, gera e traz à luz o filho nascido da sua mente, o universo. O Sol e a Lua, como divindades masculina e feminina, frutificam a Terra, a mãe microcósmica. E esta última, a mãe microcósmica, concebe e dá à luz, por sua vez. Para os cristãos, o primogênito é um fato gerado, isto é, gestado, *genitum, non factum*, imaculadamente concebido e trazido à luz. *Virgo parit*, segundo explica a Igreja Latina. Assim, a Igreja arrasta para baixo e para a terra o nobre ideal espiritual da Virgem Maria, colocando a Virgem no plano terrestre material, o que degrada o ideal da Virgem, colocando-a no nível da mais inferior das deusas de um povoarel desinformado. Realmente, Neith, Ísis, Diana, etc., foram cada uma delas uma deusa demiúrgica, ao mesmo tempo visível e invisível, tendo um lugar no céu e ajudando na geração das espécies. A Lua, em resumo, os aspectos e poderes ocultos dessas deusas demiúrgicas são inúmeros. E num deles a Lua se torna, entre os egípcios, Athor, outro aspecto de Ísis. E todas essas deusas são mostradas amamentando Hórus. Athor é a Ísis infernal, a deusa preeminentemente ocidental ou do

mundo inferior. E Blavatsky diz: "No salão egípcio do Museu Britânico, Athor é vista sendo adorada pelo faraó Tutemés, que está situado entre ela e o Senhor dos céus. O monólito foi levado de Carnaque." A mesma deusa tem a seguinte legenda escrita em seu trono: a divina mãe e senhora ou rainha do céu, e também a estrela da manhã e a luz do mar, *Stella Matutina* e *Lux maris*. Então aqui, monólitos de Carnac, todas as deusas lunares tinham aspectos duais, um divino e outro infernal. Todas eram mães virgens de um filho nascido imaculadamente, o Sol. Raul Rochete mostra a deusa lunar dos atenienses, Palas ou Cibele, Minerva ou novamente Diana, segurando no colo o seu filho criança, invocada nos seus festivais como a única mãe de Deus, sentada sobre um leão e rodeada por doze personagens, nos quais o ocultista reconhece os doze grandes deuses e o cristão orientalista piedoso vê os apóstolos, ou melhor, a profecia pagã grega sobre eles. Ambos estão certos, porque a deusa imaculada da Igreja Latina é uma cópia fiel das deusas pagãs mais antigas. O número doze apóstolos é o número das doze tribos. E estas últimas são personificações dos doze grandes deuses e dos doze signos do zodíaco. Até quase o seu último detalhe, a doutrina cristã é pedida por empréstimo dos pagãos. Sêmele, a esposa de Júpiter e mãe de Baco, o Sol, é, de acordo com Nono de Panópolis, também transportada ou levada a subir para o céu após sua morte, onde ela governa entre Marte e Vênus, sob o nome de Rainha do mundo ou do universo, diante de cujos nomes, como diante dos nomes de Athor, Hécate e outras deusas infernais, tremem todos os demônios. A Blavatsky destaca que palavras de Dimirv que orgulhosamente confessa a similaridade, e ele tem motivos para saber do assunto. Bom, tem muito mais ainda que tem o catolicismo antihistórico.

PERGUNTAS:

Vou devagar, quase parando. Alguém gostaria de fazer alguma pergunta? Nada. Eu tenho uma pergunta para Maria Alice. Diga,

Samuel. Por que a Blavatsky frisa tantas vezes essa questão da simbologia fálica, principalmente no cristianismo? Você que já leu várias vezes a **Doutrina Secreta**, conseguiu extrair o porquê. Ela fala, mas ela não é tão clara assim: por que eles usaram esse simbolismo? É um tipo de magia que eles fizeram, que eles usaram. Por que isso? Ela relata a necessidade de antropomorfizar toda essa hierarquia divina, porque na realidade toda a hierarquia divina é andrógina. Tem as duas forças, a positiva e a negativa. E eles antropomorfizavam, dando uma figura masculina e a outra feminina, porque a religião precisa de culto, precisa de algum tipo de prática, de reverência, de repetição, que prenda a mente humana àquele símbolo e ao significado daquele símbolo que é definido, imposto. E aí você tem aquela congregação de pessoas que se associam, que adquirem uma identidade. Mas todas essas forças são andróginas, elas têm as duas polaridades. Beleza, Samuel?

Eu estava lendo uma parte do **Ísis** hoje e ela fica criticando bastante, cita várias catedrais, dizendo que a torre é baseada em formato fálico, etc. Eu não consegui aprender direito o porquê, por que ela apontou isso e por que as igrejas foram feitas assim nesse formato. Qual é o objetivo disso? Isso que eu não compreendo. Elas copiaram das tradições antigas. E depois desprezaram a fonte da cópia, rotulando de pagão, do inferno e do demônio, mas eles simplesmente copiaram e colaram. E tem esses dois símbolos sempre, o masculino e o feminino. Então tem a torre e no centro da igreja tem essa abóboda que representa um ventre materno ali. São essas duas polaridades. Só que eles transformaram essa polaridade. Fohat é andrógino. Fohat é masculino e feminino. Mas aí eles colocaram como símbolos fálicos. É o que ela diz: que degradaram a divindade. Essa polaridade, esses dois

polos de energia, não têm nada de fálico, é energia divina, mas eles deturparam antropomorfizando, porque a nossa humanidade atual é masculina ou feminina. E aí criaram essas duas imagens. É isso que a Blavatsky denuncia o tempo todo. Eles não inventaram isso, eles copiaram e colaram. Só que o problema é que, embora seja visível, a gente veja a torre e veja a cúpula, a gente não percebe a simbologia que está ali. Aí quando a gente estuda Blavatsky é que a gente entende por que aquele altar, aquele centro ali tem como se fosse um útero. E por que a entrada tem essas torres. Lendo a Blavatsky é que a gente percebe esses símbolos, porque eu pelo menos achava que era só um estilo arquitetônico. Foi uma forma de dar mais espaço ali, fica mais alto, não sei mais o que. Eu nunca tinha percebido isso. Só depois de ler que eu identifiquei esse símbolo na própria arquitetura.

Nos livros teosóficos, eu li sem ver, eu acho que no volume três, ela fala da arquitetura das catedrais antigas que obedeciam...

Trecho 8

A Alice tem razão: era um estilo arquitetônico que representava os órgãos reprodutivos femininos na entrada. Os masculinos eram duas torres, não sei por quê, e a abóboda do teto. Só que nos prédios mais novos você não vê mais isso. O pessoal esqueceu.

Nos grandes iniciados, de Edouard Schuré — que ele copiou de Fábio e de Oliviê —, eu gosto deles porque não é uma pura, mas é tão acessível quanto. Rama, quando ele leva os arianos para a Índia, ele governa por mil anos. Não lembro o nome exato. Depois ele vai para o monte Meru — aliás, não, ele vai para uma montanha lá, não lembro mais qual. E ele faz toda uma carta astrológica para dar suporte aos agricultores e a todos os eventos importantes do reino, porque tudo isso

estava — você tinha que saber o dia certo de plantar, o dia certo de colher, o dia certo de ir para o campo de batalha. E tudo isso baseado na posição dos astros. O Cristo, ao assumir o rei, que foi usado dele, ele também sobe no Monte Meru e também faz o mesmo trabalho que Rama fez. E no Egito eu não lembro quem fez, mas também foi feito o mesmo trabalho, que, baseado nos astros, previa a cheia do Nilo, a época de plantar, de colher, tudo. Ou seja, tem uma conexão entre todas as culturas sobre isso.

Então, com a nossa harmonização de abertura e de encerramento, sempre agradecendo a oportunidade desses estudos, oferecemos os bons frutos gerados em benefício de todos os seres sencientes. Elevamos a nossa consciência ao nosso eu superior, à nossa mônada imortal, que vive no eterno presente, no espaço-tempo infinito, unidade cósmica. E nesse momento de interiorização, nos harmonizamos mentalmente com a luz do logos, a luz da mente cósmica, oferecendo os bons frutos em benefício de todos os seres sencientes. E trazemos de volta a nossa atenção, plena consciência corporal, observando a respiração. E até a próxima reunião, até uma próxima oportunidade.

Maria Alice, deixa eu te perguntar uma coisa: você fala sempre "namascar", por que que não é "namastê"? É "namascar". Então, "namascar". O "namastê" é uma reverência à divindade, e o "namascar" é uma reverência a nós. É a pessoa se abaixar aos pés, como respeito. É aqui quando a gente se saúda: a divindade em mim saúda a divindade em ti. É mais ou menos assim. E quando você reverencia a divindade, é "namastê". Legal. Na língua maia é "In Lak'ech". É. E como é que é? "Eu sou um outro você." "Eu sou um outro você." Em Lak'ech. Em Lak'ech.

No Bhagavad Gita tem uma passagem muito interessante: quando Rama vai lutar com Bhishma, que é o avô dele, ele manda duas flechas, uma encostada na frente de cada pé de Bhishma. E Bhishma entende aquilo como namascar, ou seja, antes de lutar com o avô, ele reverencia. É como se ele tivesse presença, é como se ele se abaixasse aos pés do mestre. É muito bonito.

Vamos para casa dormir. Vamos dormir e até a segunda para cá. Tem gente que está fora de casa. Vamos ler. Hoje é sexta, sextou, sempre sexta com a Doutrina Secreta. Então vamos para cá, vamos dormir e vamos pensar nas coisas que a gente viu hoje, e até segunda-feira.

Eu sou uma criança pequena nesse mundo. Eu quero agradecer vocês pela bondade e o carinho; me emociono porque eu me sinto em casa com vocês. Beijão para todo mundo. Boa semana a todos.

